

## RESENHA

**MISSIONSWISSENSCHAFTLICHES Institut Missio e. V., Jahrbuch für kontextuelle Theologien / Yearbook of Contextual Theologies / Anuario de Teologias contextuales / Annuaire des Theologies contextuelles.** Frankfurt, Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1993 (1994).

*Bento Itamar Borges\**

Resenhar um anuário não é tarefa fácil, nem comum no ambiente editorial acadêmico, que geralmente produz e divulga teses sobre temas bem delimitados. Apresentar, e se for o caso, criticar diversos materiais é difícil e, dadas as dimensões de uma resenha, pode-se deixar uma mera noção superficial da obra. Normalmente, um anuário é mesmo uma coletânea de vários materiais breves. Todavia, quando uma iniciativa intelectual pretende expor a própria pluralidade e, assim fazendo, defender o direito de circulação de diversos discursos e de convivência das diversas formas de vida que os produzem, temos que passar por cima dessas dificuldades iniciais e abrir-lhe espaço em nossa revista, que tem, entre outras, a função de divulgação. Nossa revista mantém, aliás, há algum tempo intercâmbio com a entidade que publica o anuário, o Institut Missio e. V., de estudos missionários, com sede na Alemanha.

O Anuário de teologias contextuais traz o título em quatro línguas, o que já indica uma disposição da obra em facilitar a leitura para quem leia alemão, inglês, francês e/ou espanhol. A obra é, aliás, publicada por uma editora chamada "Editora para a comunicação intercultural". Em épocas passadas, um manual de teologia - certamente "perene" e sistemática - seria escrito em latim ou uma língua européia dominante, com o devido *imprimatur*. Neste anuário, a intenção ecumênica estampa-se já na ilustração da capa: um painel em forma de xadrez com diversos símbolos de religiões - uma cruz, uma mandala, uma estrela e Davi, uma lagartixa mordendo a própria cauda, etc. em torno de círculo concêntricos. O editorial abre-se com um trecho de uma recente declaração do Papa João Paulo II sobre o "diálogo interreligioso" e retoma princípios básicos do Concílio Vaticano II, como "a Igreja é o mundo de hoje" (p.

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

13). O editor mostra-se, pois, de acordo com a pastoral ecumênica, o que vale, enfim, como a velha chancela episcopal.

Um leitor potencial que não leia alemão pode se assustar com o primeiro título do livro ou com a referência desta resenha e deixar de lado a leitura. Outro, que leia esta resenha ou a capa da obra, poderá enganar-se inicialmente, supondo que todos os textos do anuário estejam vertidos nas quatro línguas referidas. Na verdade, cada colaborador escreveu em sua língua. No caso de artigo, a praxe editorial acadêmico-científica foi ampliada: em vez de um *abstract*, há três, nas três línguas que não a do artigo. É uma solução, embora precária. Há que se admitir que, acima do contexto cultural da diversidade das línguas faladas e escritas, está o contexto social, econômico e histórico do sujeito que pode ou não pode ler em língua estrangeira, ou mesmo na sua, caso ela tenha escrita. Ora, todo texto escolhe seus leitores. E o anuário destina-se certamente não a um humilde místico analfabeto, mas aos teólogos que lhe propõem o diálogo. Aquele percebe a voz destes como ruído - ou a capa do anuário como ilegível - ao passo que alguns destes acreditam na superação da Torre de Babel, como atesta o editorial: "Babel ainda se faz presente; contudo, a confusão das línguas já está superada (...). O discurso teológico intercultural pode, portanto, ser descrito como um caminho em direção a Jerusalém para a despedida definitiva da confusão de Babel" (p. 12, citando von Rad).

O editorial explica o sentido de teologias contextuais, lembrando inclusive que o Institut Missio publica desde 1979 a revista bibliográfica **Theologie im Kontext**. Originalmente em alemão, a revista passou a ser publicada também em inglês em 1984, e, em espanhol em 1990. Outra publicação é a série científica "Theologien der Dritten Welt" (Teologias do terceiro mundo), cobrindo África, Ásia, América Latina e Oceania e visando à informação e a um diálogo, onde os teólogos de língua alemã são os interlocutores. A **contextualidade** é um "existencial do homem e da sociedade humana", tomando-se por base a visão antropológica de que "o homem só possui sua natureza na cultura. Sua história é necessariamente história da cultura" (p. 9). Menos fundada na antropologia é a consequência que o Papa João Paulo II tira daí: "Em resumo, toda a cultura do homem deve ser perpassada pelo evangelho" (citado na p. 9). Trata-se do velho plano da cristandade que deveria espalhar-se por todo o mundo e a todas as atividades e pensamentos humanos e que, todavia, sempre esbarrou na resistência dos "gentios" e no choque com outras

religiões. O papa reconhece que “a separação entre fé e cultura significa uma dificuldade nada pequena para a propagação da fé” (p. 9). Para grandes dificuldades, o Vaticano conta sempre com a Companhia de Jesus: o editor, Ludwig Bertsch, e pelo menos outros três colaboradores são jesuítas. Mesmo para eles, a tarefa posta pelo **anúário** pode parecer ampla demais. O editor responde a sua própria dúvida, dizendo que a iniciativa espera “construir uma parceria” para trabalhar, lutar e, eventualmente, resolver conflitos (p. 18). O editorial encerra-se com um trecho do discurso de abertura do Concílio Vaticano II, feito por João XXIII, que deposita esperança na contribuição dos métodos científicos e nas “formas de expressão lingüísticas do pensamento moderno” (p. 18). (Mais que isto, acrescentaríamos, indo um pouco além do **anúário** resenhado, esse projeto do “diálogo”, que tem reunido em diversas rodadas teólogos e filósofos ora na Alemanha, ora na América Latina, adota uma versão conveniente da filosofia contemporânea devidamente paradigmaticada na onda do **linguistic turn**, com uma manobra pragmática.)

Entre o editorial e a seção de artigos, há uma entrevista que serve de floreio muito adequado ao tema. Sob o título “Auto-retrato” (ou “Testemunho”, conforme a língua), Raimon Panikkar relata a Raúl Fomet-Betancourt suas experiências religiosas e suas concepções teológicas. Esse místico parece ser a caricatura do próprio ecumenismo: foi cristão para a Índia, tornou-se indu e depois budista, sem deixar de ser cristão. O entrevistado ora puxa brasa para a sardinha do **anúário**, como ao dizer que “o que há são contextos” (p. 22), ou ao subordinar o diálogo inter-religioso ao diálogo intra-religioso. Todavia, sua visão de linguagem enquanto “maneira de estar no mundo” e **não apenas meio de comunicação**, não converge certamente com certos pressupostos lingüísticos do entrevistador e de seus colaboradores: “A linguagem não é álgebra”, resume Panikkar (p. 32).

A segunda seção do **anúário** contém cinco artigos:

- a) “Olive Tree Theology - Rooted in the Palestinian Soil” (Teologia da oliveira - enraizada no solo palestino). Geries Khoury estuda a maneira como os cristãos palestinos vivem sua fé sob a ocupação israelense, bem como ao lado de muçulmanos, num contexto de injustiça e de esperança de paz.
- b) “Ética del V centenario desde America Latina”, de Miguel Manzanera, pretende-se uma análise crítica das diferentes perspectivas que surgiram na

América Latina com as "Celebrações comemorativas dos 500 anos", fazendo além disso um acerto de contas da missão da Igreja nesse quadro histórico com uma perspectiva ética, etc.

- c) "Tensions between Christianity and African traditional Religion: the Igbo case" (Tensões entre cristianismo e religião africana tradicional: o caso Igbo), de Luke Mbefo, analisa um episódio de conflito recente envolvendo o povo Igbo, na Nigéria oriental. Tradições tribais entram em choque com o cristianismo, cuja mensagem "não teria sido suficientemente inculturada" (p. 132).
- d) "Inculturation: some critical reflections" (Inculturação: algumas reflexões críticas), de Aloysius Pieris, tira lições das experiências de inculturação na Ásia, especialmente no Sri Lanka. "Na preocupação com a inculturação, trata-se primeiramente de uma mudança no estilo de vida, e só secundariamente de mudanças na liturgia e na celebração da eucaristia" (p. 145). Inversamente, a estratégia de "servir-se do meio da tradição cultural e religiosa do mundo não cristão" é considerada um "princípio revolucionário" (sic).
- e) "Towards a Theology of harmony" (Para uma teologia da harmonia), de Felix Wilfred "trata de questões culturais, filosóficas e hermenêuticas que subjazem a uma teologia da harmonia na Ásia", continente em que prevalecem uma **visão orgânica do mundo** e a categoria da unidade, ao passo que na Europa domina antes uma **concepção arquitetônica do mundo**, com sua respectiva "racionalidade" única e arrogante. O autor conclui relativizando esses conceitos eurocêntricos, apelando para o valor humano e as razões da experiência.

A terceira seção do anuário traz a contribuição de Marco Moerschbacher ao debate ocorrido durante um simpósio promovido pelo Institut Missio em Aachen, em 1990, sob o tema "Independência da igreja local - unidade da igreja universal". O texto começa com questionamentos sobre a pretensão de universalidade da mentalidade do **logos** e da **ordem greco-ocidentais**, para centrar a suspeita na própria universalidade: "como é afinal dizível a universalidade, especialmente em uma língua concreta?" (p. 160) As questões continuam a respeito da relação entre língua e cultura, teologia e experiência, etc. A definição de "igreja local" não deve ser produzida dedutivamente, a partir de textos, e sim, indutivamente; a igreja orienta-se primeiramente como igreja local, donde

resultam depois implicações para a igreja universal. A opção pelos pobres na América Latina é um caso notável de identidade da igreja local. Daí surgirem problemas para a contrapartida da universalização. O autor se pergunta: "como seria uma igreja dos pobres nos países ricos?" Mesmo considerando a discussão sobre a possível exclusão dos ricos, o autor mantém o caso da teologia latino-americana como exemplar e capaz de levar os teólogos e teólogas europeus a uma "crítica da razão teológica", em vez de partirem logo para a suspeição de heresia contra as igrejas do terceiro mundo. Enfim, parece ao autor que nesse debate, a igreja universal pode aprender com as igrejas locais.

A quarta seção do anuário, um informe bibliográfico, sob o título "Para a história da catequização [Missionierung] da América Latina - um panorama sobre a literatura recente", comenta obras editadas ou reeditadas por ocasião do Quinto Centenário, ou seja, a partir de 1987. As obras comentadas vão sendo listadas em nota de rodapé na ordem em que aparecem nos seis capítulos, que cobrem os seguintes tópicos: a) A catequização da América na historiografia (da Igreja); b) o tema da missão em simpósios e jornadas; c) Atuação das ordens missionárias na América, onde se incluem franciscanos, dominicanos, agostinianos e jesuítas; d) Aspectos particulares supra-regionais da catequização da América; e) Aspectos particulares regionais da história da missão, incluindo o "espaço caribenho" e o "espaço mexicano"; f) Formas importantes na história da missão.

A seção de resenhas traz duas coletâneas, sendo a primeira intitulada *Verändert der Glaube die Wirtschaft? (A fé muda a economia?)*, organizada por Raúl Fomet-Betancourt, com discussões teológicas sobre problemas e concepções econômicas, com os subtítulos "Teologia da economia: mercado enquanto apocalipse e enquanto Messias", "Teologia da vida: a libertação dos pobres como vinda do reino de Deus" e "Praxis da teologia da vida". A segunda resenha apresenta também uma coletânea, sob o título *Foi Chretienne et inculturation au Proche-orient (Fé cristã e inculturação no oriente próximo)*, que trata de temas e dilemas da ação missionária, tais como: conflito entre tradição e modernidade, convivência com muçulmanos, pluralidade, etc.

Pode parecer estranho resenhar-se uma resenha, todavia, enquanto conteúdo de um panorama de temas tratados pelo Institut Missio, tem cabimento. Assim, cumpre ainda informar ao leitor, concluindo, que o anuário expõe ao final dezoito obras da série "Teologia do terceiro mundo", publicada pela editora

Herder, de Friburgo, Alemanha. Essas obras estão escritas exclusivamente em alemão.

Apesar de termos feito pequenas observações até aqui, não faz muito sentido criticar o anuário. A resenha fica apenas no nível informativo, já que uma crítica a uma coletânea de obras e eventos implicaria na crítica ao projeto do instituto de estudos missionários que publicou o anuário, que é, afinal, o mesmo projeto de evangelização da igreja católica, sob inspiração ecumênica. Ora, criticar projeto de tal amplitude não é possível aqui. O interessado em ler tal anuário será certamente o interessado em teologia progressista e que, certamente, já passou por aquela crítica ou passa bem sem ela.

Endereços:

Missionswissenschaftliches Institut e. V.  
Postfach 1110  
52012 Aachen  
Alemanha

(Editora)

Verlag für Interkulturelle Kommunikation  
Postfach 900965  
60449 Frankfurt  
Alemanha